Casos & .Causos

Por Nestor Leme

Para ela, tudo era lindo e maravilhoso...

Cleyde dos Santos, ao centro, de branco, celebra seu 85º aniversário ao lado de amigas, em momento que traduz sua alegria e espírito acolhedor | *Arquivo de Nestor Leme*

Confesso que não gosto de escrever homenagens póstumas, não porque os homenageados não sejam merecedores, mas sim porque não os teremos mais em nosso convívio. E o outro motivo que me faz não gostar de prestar estas homenagens é que, entre todos os habitantes do nosso município, só tenho amigos. Sei que alguns não concordam com as minhas ideias, mas isso não afeta a nossa amizade; cada um é livre em seus pensamentos ou opiniões.

Mas, no meio de tudo isso, como eu já passei dos oitenta, a maioria de meus amigos é desta faixa de idade. Assim sendo, grandes amigos estão partindo, deixando um vazio enorme entre nós e naquilo que faziam por nossa cidade. Caso da grande amiga Cleyde dos Santos, que nos deixou na manhã do dia 8 de abril deste ano de 2026, a quem presto esta homenagem.

Eu a conheci no ano de 1967, quando mudamos para o Bairro das Palmeiras, tempo em que ela, recém-casada e moradora da cidade de Santos, vinha com os filhos passar férias na casa de seus pais, Seu Antônio e Dona Filomena, na Rua Petrópolis. O tempo passou, casei-me e, depois de morar em outros lugares, finalmente viemos morar na Praça da Matriz, fato que ocasionou o nosso reencontro.

Depois de anos de trabalho, finalmente me aposentei e, para ocupar o tempo de ócio, entrei para o Grupo da Melhor Idade para jogar vôlei, lugar onde nos reencontramos, pois a Cleyde já estava no grupo, participando das aulas de ginástica, assim como era uma das bailarinas do Corpo de Dança Coreográfica, que representava nossa cidade nos Jogos Regionais do Idoso. E eu logo percebi que ela tinha um espírito alegre, daqueles que gostavam de fazer brincadeiras e que aceitavam as brincadeiras feitas com eles. Daí nasceu nossa grande amizade, pois logo comecei a chatear com ela, só para testar se ela realmente era daquele jeito, e confesso que, por mais que eu a perturbasse, nunca tive dela uma reação contrária.

Um dia, ela foi eleita presidente do Grupo Serra Azul da Melhor Idade, tempo em que conheci e fiquei amigo de Betinho, seu marido, e tempo em que eu e Alice passamos a ser convidados para as festas de seus aniversários — festas que ela fazia todos os anos para reunir os amigos e nas quais eu era convocado para fotografar. E foi nesse tempo que pude ver o que a Cleyde representava no cotidiano de nossa cidade.

Ela foi presidente do Grupo Serra Azul, bailarina do grupo coreográfico e percussionista da Fanfarra da Melhor Idade, baiana nos desfiles carnavalescos e presidente do Seicho-No-Ie de Serra Negra, em cujo mandato ela e suas companheiras construíram a sede desta entidade na Rua Antônio Ricci, onde, acompanhada de seguidoras desta filosofia, promoveram muitas campanhas ajudando outras entidades serranas.

Um dia, seu companheiro de tantos anos, Alberto Rodrigues, partiu, e, nesse tempo, comecei a ajudá-la na manutenção da sede da entidade que ela presidia. E, nas muitas vezes em que conversamos, sempre a ouvia dizer que tudo era lindo e maravilhoso.

Num dia do mês de fevereiro, eu a acompanhei até a Prefeitura Municipal, no Centro de Convenções, para tratarmos de assuntos sobre a administração do Seicho-No-Ie, e, no nosso retorno à rodovia, seu carro quase foi abalroado por um ônibus, que passou a poucos metros de nós. Passado o susto, ela, rindo, me disse: "Desta escapamos por pouco". Escapamos porque não era daquele jeito que ela iria partir.

Partiu para a eternidade em paz, dormindo em seu quarto, como uma luz que se apaga. Mas não vamos nos lembrar da Cleyde em sua partida, mas sim dela tocando sua caixinha na Fanfarra da Melhor Idade ou desfilando alegre, fantasiada de baiana no carnaval serrano, sempre afirmando que tudo era lindo e maravilhoso...

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

A vida é assim

Passei o dia de ontem (terça-feira, 21 de abril de 2026) de modo muito prosaico sem grandes atividades, somente pintando e vendo filmes, o que me fez ficar longe do celular. Tenho certeza de que olhei as mensagens, mas, hoje, vi que havia diversas mensagens sem serem lidas. Uma delas era do falecimento de uma amiga. Perder alguém é sempre muito triste; saber que nunca mais essa pessoa estará conosco, nunca mais ouviremos sua voz, seu abraço, seu carinho. É triste, mesmo sabendo que a vida é assim.

Nascemos, vivemos e morremos, e todos nós temos a mesma história básica, os entremeios é que mudam. Tem gente nascendo em muitas partes diferentes do mundo, vivendo de formas muito distintas: ricos, pobres, simples, sofisticados, nas praias, montanhas, cidades grandes ou pequenas. Independente de onde vivemos, as pessoas continuam nascendo, vivendo e morrendo, e continuamos a sentir todas as emoções, como amor, saudade e tristeza. Alguns povos são mais briguentos, enquanto outros são mais sofridos; alguns de nós somos mais organizados; enquanto outros vivem em verdadeiros caos. Onde quer que estejamos, as emoções são as mesmas.

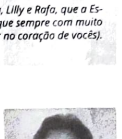
Perder alguém é sempre muito triste, apesar de sabermos que é inevitável. A morte nos leva as pessoas e muita coisa muda na vida da gente. As lembranças ficam eternamente e, com ela, a saudade de quem partiu. O café que tomávamos juntos não terá mais o mesmo gosto, a cadeira fica vazia e falta o riso e o sorriso de quem não estará mais lá.

Aquela notícia trouxe muitos pensamentos! Nesse momento, parece que todas as perdas que já tivemos vem à nossa mente e, então, a realidade terá de ser encarada, pois é a realidade mais definitiva de todas. E, ainda assim, o mundo segue. O sol nasce, as pessoas trabalham, o trânsito acontece, alguém ri em algum lugar, os barulhos do dia começam como em todos os demais. A vida continua quase como se não tivesse acontecido nada, apesar de que, ninguém passa pela nossa vida sem deixar marcas. E fica a sua ausência. A ausência que está nos detalhes, nos lugares, na vontade de contar algo e não ter mais para quem; na música que vocês ouviam juntos, ou numa lembrança que surge de repente. E assim seguimos, e vamos carregando pessoas dentro da gente, quase como se estivessem aqui, transformando as ausências em memória, e as memórias em uma forma de teimosia, querendo que essas pessoas fiquem eternamente conosco - ao menos em nosso coração.

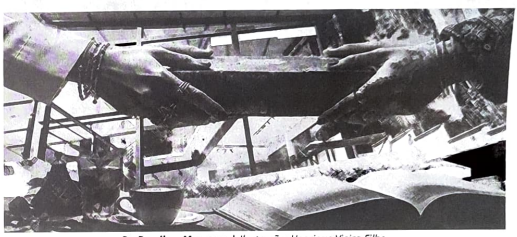
(Claudia, Lilly e Rafo, que a Estellinha fique sempre com muito amor no coração de vocês).

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho



DNA literário: café com hortelã



Do Brasil ao Marrocos | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Sempre acreditei que meu papel como cronista é organizar - ou provocar - o caos. E, sendo também bibliotecário e museólogo, carrego a estranha missão de catalogar o infinito... inclusive aquilo que corre nas veias.

Recentemente, ao abrir meu mapa genético, deparei-me com surpresas curiosas: 6% de DNA amazônico (o que explica muito das minhas artes) e outros 6% magrebinos. Para quem não está familiarizado, o Magrebe é aquela região lendária do Norte da África - e ser "magrebino" é herdar o sopro místico de terras como o Marrocos. Para a ciência, é apenas um fragmento. Para o meu DNA artístico, porém, esses seis por cento são território habitado por Jinn - gênios, mas não os caricaturados em histórias de lâmpadas mágicas, e sim, os de fogo invisível, livres, atravessando o nosso mundo sem pedir licença.Foi quando entendi: minha arte não nasce de mim, mas atravessa-me, feita de camadas ancestrais. Quando pinto a força de uma sereia indígena ou o olhar de uma guerreira africana, talvez eu apenas empreste as mãos para que histórias antigas continuem sendo contadas - histórias que nem o tempo consegue apagar. Essa descoberta ecoou de forma quase mágica neste 23 de abril, o Dia Mundial do Livro. A UNESCO promoveu uma simbólica passagem de bastão: o Rio de Janeiro entregou o título de Capital Mundial do Livro à cidade de Rabat, no Marrocos.

Na Biblioteca Sociedade Das Artes, que é parte do Museu ReArte, celebramos essa ponte invisível com o evento "Do Brasil ao Marrocos" - um encontro que colocou Serra Negra no Mapa dos Eventos Literários do Brasil, recém lançado pelo Governo. Entre o aroma do café serrano e o frescor do chá de hortelã marroquino, vivemos uma noite de verdadeira imersão. Lemos crônicas nascidas em nossas montanhas e mergulhamos em contos marroquinos, comentados a partir da brilhante tese de doutorado de Fedra Rodrigues, que gentilmente enriqueceu nosso acervo com um exemplar de sua pesquisa.

E enquanto as xícaras se sucediam, era impossível não perceber: talvez fosse o mesmo fogo invisível - desses que os Jinn conhecem bem - que aquecia a torra do café, enquanto a hortelã, fresca como um sopro do deserto, lembrava que nem tudo o que move o mundo precisa arder. Entre um e outro, nesse território invisível, algo em nós também se acendia.

Mais uma prova dessa sincronicidade mágica repousa tanto no museu quanto na memória da minha família. Exibimos a insígnia do 5º Exército Americano, trazida da Segunda Guerra pelo meu tio, o expedicionário serrano Ari Vieira. Em sua estampa, curiosamente, surge a imagem de uma mesquita marroquina! O plano inicial previa que os pracinhas brasileiros desembarcassem exatamente ali - nas terras dos meus 6% de DNA. Mas, no último instante, o destino mudou o rumo: a Força Expedicionária Brasileira seguiu para a Itália, de onde vêm outros 59% da minha origem.

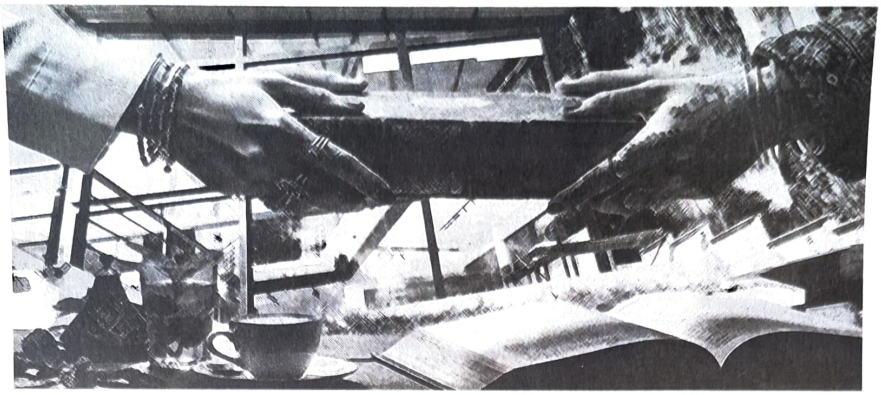
Se apenas 1% de diferença genética nos separa dos outros primatas - e já nos concede o dom da poesia -, imaginem o que pode nascer dessa mistura de café da montanha com hortelã do deserto! Talvez seja justamente aí que o invisível encontra forma: nesse fogo que não se vê, mas que persiste - atravessando o sangue, habitando a memória e, sem pedir licença, transformando tudo em arte!

104.5 fm SERRANEGRA
Músicas
Notícias
Entretenimento
Sorteios
E muito mais!
Programação 104,5 mHz
8h - 12h - Bom dia, 104! (Ibraim Gustavo)
12h - 13h - Rádio Notícias (Angelito Neto)
13h - 16h - Super Tarde (Pedro Giovani)
16h - 19h - Ranchinho da Saudade (Pedro Giovani)
19h - 20h - A Voz do Brasil
20h - 0h - Noite na Serra
www.radioserranegra.com.br

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Por Henrique Vieira Filho

DNA literário: café com hortelã



Do Brasil ao Marrocos | *Ilustração: Henrique Vieira Filho*

Sempre acreditei que meu papel como cronista é organizar - ou provocar - o caos. E, sendo também bibliotecário e museólogo, carrego a estranha missão de catalogar o infinito... inclusive aquilo que corre nas veias.

Recentemente, ao abrir meu mapa genético, deparei-me com surpresas curiosas: 6% de DNA amazônico (o que explica muito das minhas artes) e outros 6% magrebinos. Para quem não está familiarizado, o Magrebe é aquela região lendária do Norte da África - e ser "magrebino" é herdar o sopro místico de terras como o Marrocos. Para a ciência, é apenas um fragmento. Para o meu DNA artístico, porém, esses seis por cento são território habitado por Jinn - gênios, mas não os caricaturados em histórias de lâmpadas mágicas, e sim, os de fogo invisível, livres, atravessando o nosso mundo sem pedir licença.Foi quando entendi: minha arte não nasce de mim, mas atravessa-me, feita de camadas ancestrais. Quando pinto a força de uma sereia indígena ou o olhar de uma guerreira africana, talvez eu apenas empreste as mãos para que histórias antigas continuem sendo contadas - histórias que nem o tempo consegue apagar. Essa descoberta ecoou de forma quase mágica neste 23 de abril, o Dia Mundial do Livro. A UNESCO promoveu uma simbólica passagem de bastão: o Rio de Janeiro entregou o título de Capital Mundial do Livro à cidade de Rabat, no Marrocos.

Na Biblioteca Sociedade Das Artes, que é parte do Museu ReArte, celebramos essa ponte invisível com o evento "Do Brasil ao Marrocos" - um encontro que colocou Serra Negra no Mapa dos Eventos Literários do Brasil, recém lançado pelo Governo. Entre o aroma do café serrano e o frescor do chá de hortelã marroquino, vivemos uma noite de verdadeira imersão. Lemos crônicas nascidas em nossas montanhas e mergulhamos em contos marroquinos, comentados a partir da brilhante tese de doutorado de Fedra Rodrigues, que gentilmente enriqueceu nosso acervo com um exemplar de sua pesquisa.

E enquanto as xícaras se sucediam, era impossível não perceber: talvez fosse o mesmo fogo invisível - desses que os Jinn conhecem bem - que aquecia a torra do café, enquanto a hortelã, fresca como um sopro do deserto, lembrava que nem tudo o que move o mundo precisa arder. Entre um e outro, nesse território invisível, algo em nós também se acendia.

Mais uma prova dessa sincronicidade mágica repousa tanto no museu quanto na memória da minha família. Exibimos a insígnia do 5º Exército Americano, trazida da Segunda Guerra pelo meu tio, o expedicionário serrano Ari Vieira. Em sua estampa, curiosamente, surge a imagem de uma mesquita marroquina! O plano inicial previa que os pracinhas brasileiros desembarcassem exatamente ali - nas terras dos meus 6% de DNA. Mas, no último instante, o destino mudou o rumo: a Força Expedicionária Brasileira seguiu para a Itália, de onde vêm outros 59% da minha origem.

Se apenas 1% de diferença genética nos separa dos outros primatas - e já nos concede o dom da poesia -, imaginem o que pode nascer dessa mistura de café da montanha com hortelã do deserto! Talvez seja justamente aí que o invisível encontra forma: nesse fogo que não se vê, mas que persiste - atravessando o sangue, habitando a memória e, sem pedir licença, transformando tudo em arte!